



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Renan Falcão de Azevedo FG183

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.020.SIN-TRA

Entrevistado/a: Renan Falcão de Azevedo

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 22 de novembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese

Filiação; aspectos da infância, os estudos eu gosto pela literatura.

Formação escolar e acadêmica: Colégio Nossa Senhora do Carmo; Curso de Direito (UFRGS).

Profissão: professor, advogado e escritor.

Liga da Defesa Nacional: assembleia geral para a troca do nome da Praça Dante Alighieri e de ruas cujo nome remetesse à Itália de Mussolini.

Literatura: considerações sobre Ruy Barbosa e Dante Alighieri.

O Fascismo italiano e o fascismo em Caxias do Sul.

Ação Integralista Brasileira: Plínio Salgado, ideologia, indumentária e símbolo.

A Segunda Guerra Mundial: episódios como a invasão da Abissínia pela Itália e a resistência da União Soviética aos nazistas.

Partido Comunista em Caxias do Sul: história, atuação e alguns filiados.

Campanha pela Anistia aos presos políticos e pela Redemocratização do país (após Segunda Guerra Mundial).

Jornal "A Voz do Povo": orientação política, peculiaridades e censura interna.

Excomunhão dos comunistas pelo papa Pio XII.

Partidos políticos em Caxias do Sul. A presença do Partido Social Progressista (PSP): Ademar de Barros, Dr. Atílio Zarapune, vereador Geraldo Stedile.

Considerações sobre a administração pública municipal: Dante Marcucci, Euclides Triches, Rubem Bento Alves, Armando Biazus, Victório Trez, Mansueto Serafini, vereador Humberto Bassanesi.

Golpe de 1964: repressão, a prisão de Darwin Gazzana e de Percy Vargas de Abreu e Lima.

Nacionalismo e a proibição de falar em italiano e alemão.

Casa del Faccio: organização fascista em Caxias do Sul; os "Balilas": o fascismo na infância.
A atuação de Renan Azevedo como advogado e o sentido de justiça.

Transcrição

Sônia: Dr. Renan, seu nome completo, sua data de nascimento.

Renan: Eu me chamo Renan Falcão de Azevedo. Nasci em vinte e sete de março de 1923, estou com setenta e dois anos.

Sônia: Dr. Renan, fala um pouquinho da sua infância, como é que foi?

Renan: Olha, a minha infância foi uma infância feliz, eu tinha um pai, o Dr. Olmiro de Azevedo, que hoje é nome de rua aqui em Caxias, e uma mãe, Rita Falcão de Azevedo, que era um monumento de doçura, monumento de amor, uma alma de perdão. Eu, cada vez que lembro da minha mãe, eu não tenho vergonha nenhuma de dizer, eu tenho vontade de chorar, ela era uma criatura santificada. De maneira que a minha infância foi uma infância muito, muito feliz, e como todo garoto da minha época, eu era um moleque mais ou menos incontrolável. Eu dava muito mais importância a uma bola de futebol do que aos meus estudos e isso trazia certa preocupação ao meu pai. Meu pai era um homem muito aculturado, era um advogado de muita capacidade, de muito preparo, e ele exigia muito que a gente estudasse, mas eu estudava nos campinhos de pelada, né? Somente aos quinze anos é que despertou em mim o desejo de estudar. E a partir dos quinze anos, então, me tornei um curioso dos estudos, e a partir de então eu venci o meu curso secundário no Ginásio do Carmo [Colégio Nossa Senhora do Carmo] aqui, o curso pré-universitário, que hoje se chama o colégio, que chamam de segundo grau. Depois fiz vestibular para a Faculdade de Direito e terminei meu curso na Faculdade de Direito em 1946. Mas aí eu já gostava muito de estudar e já até tinha transformado a leitura num hábito e, até hoje, é muito difícil eu apagar a luz do meu quarto antes de uma hora da madrugada, uma e meia, porque eu sempre fico lendo, eu prefiro a leitura do que o café da manhã, o almoço e a janta. Eu vivo cercado de livros, adoro leitura e o aprimoramento cultural, é um conselho que eu sempre dei e repito aqui, nessa entrevista, sempre dou aos estudantes, a quem eu lecionei até o ano passado, que eles devem transformar a leitura num segundo hábito. Tanto quanto respirar e se alimentar, a leitura é fundamental ao preparo de qualquer pessoa.

Sônia: Dr. Renan, na época de [19]40 por aí, o seu pai lutou muito em defesa da troca do nome da Praça Dante [Alighieri]. Foi o seu pai? Que tinha o movimento dos integralistas, o integralismo, nesse período. O que o senhor lembra desse período?

Renan: Não, o que eu me lembro disso aí é que houve um equívoco. O meu pai era então, presidente da Liga de Defesa Nacional, e a Liga de Defesa Nacional, quando o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha nazista e a Itália fascista, a Liga de Defesa Nacional realizou uma assembleia geral e o meu pai era presidente da Liga, e lá propuseram então o nome, a troca do nome da Praça Dante Alighieri para Praça Ruy Barbosa. Meu pai votou contra, porque, com todas as razões, ele achava que Dante Alighieri não tinha nada a ver com Mussolini, e tão pouco com Hitler. Mas a assembleia decidiu, por maioria, trocar. Era uma época muito conturbada, então aquela gente saiu na rua, arrancou a placa da Avenida Itália e botou o nome Avenida Brasil, a Itália não tem nada a ver com Mussolini, Mussolini é o fascismo, a Itália é uma nação que é mãe da cultura ocidental desde o Direito Romano, passando por Michelangelo, na Renascença, por Rafael, por esses grandes pensadores da Península itálica. Mas o velhinho, como presidente da Liga, descarregaram em cima dele a responsabilidade por isso como se ele fosse o líder da troca do nome da Praça. Não, ele não estava de acordo com isso, mas como ele era o presidente descarregaram em cima dele. Tanto que, numa ocasião, eu era vereador, aqui em Caxias, e um vereador, o senhor Nilo Travi, propôs o retorno do nome da Praça Ruy Barbosa para o nome de Dante Alighieri, que, cá pra nós, é um nome muito mais universal do que o nome do Ruy Barbosa. Ruy Barbosa nós dizemos aí que ele é a Águia de Haia e tal, mas, na verdade, Ruy Barbosa não significou muito na cultura mundial. E, quando esse projeto entrou em pauta na Câmara dos Vereadores, eu era vereador, e por que era filho de Olmiro de Azevedo, me perguntaram o que eu achava, se eu ia me opor a isso, eu disse: “Absolutamente não. Eu acho que Dante Alighieri é uma homenagem mais do que justificada que, se quiser trocar, eu estou de pleno acordo”. Mas aí um vereador, hoje falecido, chamado Humberto Bassanessi, propôs que se deixasse aquilo para mais tarde, para não acirrar discussões a respeito de uma coisa que, afinal, não tinha lá essa importância. Então, a discussão foi transferida e agora, recentemente, acho que foi no governo do Mansueto Serafini, é que voltou o nome Dante Alighieri, e eu acho que voltou com muita razão. Dante Alighieri é muito mais importante do que Ruy Barbosa. A respeito de Ruy Barbosa, devo dizer umas coisas, dizem, e isto é uma lenda, que quando ele foi à Liga das Nações, que hoje se chama Organização das Nações Unidas, a ONU, ele perguntou aos participantes da Conferência de Paz da Liga das Nações em que língua eles queriam que ele falasse. Isso é uma mentira! Por quê? Porque naquela época, e isso foi depois de 1918, a linguagem diplomática oficial na Liga das Nações era o francês, e não havia o que há hoje, as chamadas traduções simultâneas, em que o sujeito fala em árabe, fala em italiano, fala em português, fala em espanhol, fala em francês ou inglês, e todos os participantes estão com os fones no ouvido e há uma tradução automática para a língua de cada um dos representantes de um país nas Nações Unidas. Então, quem só fala português e o outro lá está falando em francês, ouve a

tradução em português. Agora imaginem o seguinte: ele estava lá, o Ruy Barbosa, e perguntou em que língua queriam que ele falasse, imagine se um membro da Liga das Nações levantasse o braço: “Eu quero que o senhor fale em sânscrito.” Língua que ele jamais tinha sequer ouvido falar. Isto é uma lenda, primeiro lugar porque o Ruy Barbosa não era burro, não ia fazer uma pergunta dessa ordem, ele teria que falar ou em português, ou em francês, ou em inglês. Mas criou-se essa lenda para criar assim a figura da Águia de Haia, né? E há muita lenda em torno da figura do Ruy Barbosa, viu, muita lenda e... Acho que, a rigor, em termo de comparação entre Dante Alighieri, autor da “Divina Comédia”, e Ruy Barbosa, é a mesma coisa que comparar o Luciano Pavarotti com o Teixeirinha. Não dá, né? Ruy Barbosa, perto de Dante Alighieri, é uma figura insignificante, né? Eu acho muito justo que tenham trocado, voltado a restabelecer o nome Dante Alighieri, que é um poeta universal, e o Ruy Barbosa é um intelectual baiano, e não passa disso.

Sônia: Dr. Renan, uma outra pergunta que eu gostaria de fazer, é a seguinte: o senhor viveu bem esse período do fortalecimento do fascismo, e como o fascismo atuava em Caxias, ou que outras tendências políticas tinha na época da sua juventude?

Renan: Bem, devo dizer a você, Sônia, é o seu nome?, eu devo dizer a você, Sônia, que naquela época eu era muito meninote, quando arrebitou a Segunda Guerra Mundial eu tinha quatorze anos, quatorze para quinze e... Eu dividiria em dois segmentos a atividade fascista em Caxias do Sul: de um lado, uma atividade assim mais ou menos ingênua de pessoas que eram a favor do Mussolini porque descendiam de italianos e achavam que isso era muito bom, não havia, portanto, nenhum conteúdo ideológico no posicionamento dessas pessoas. Havia, vamos dizer assim, uma fidelidade às suas raízes, porque na verdade de fascismo eles sabiam muito pouco, ou quase nada. O que é perfeitamente explicável, pelo fato de o cidadão ter um sobrenome de origem italiana, ele tinha o entusiasmo pela Itália, como os descendentes de franceses têm entusiasmo pela França, como os descendentes de portugueses, têm entusiasmo por Portugal, com as restrições que nós fazemos aos portugueses. E o outro setor, esse outro setor era politicamente organizado, era o setor da chamada Ação Integralista Brasileira, que era chefiada pelo Plínio Salgado. Essa era ideologicamente fascista, a tal ponto que até usavam camisas. Os fascistas italianos tinham uma camisa negra e os fascistas alemães, que chamamos de nazistas, usavam uma camisa parda, e aqui no Brasil se instaurou a Ação Integralista Brasileira com uma camisa verde. O fascismo tinha um símbolo que era o *fascio*. Era um feixe, um feixe de varas com um machado no meio unidos por um laço de, um laço de couro ou coisa que o valha. Os nazistas tinham uma cruz suástica, e os integralistas usavam na manga aquela letra grega chamada “sigma”. Essa organização era realmente uma organização ideologicamente vinculada ao fascismo. Os descendentes de italiano não, os descendentes de

italiano que não pertenciam à Aliança Integralista Brasileira, eles eram, vamos dizer assim, fiéis às suas origens, mas politicamente eles não eram atuantes. Quando a Itália invadiu a Abissínia, que o Mussolini resolveu aplicar aquela política do chamado *Mare nostrum*, ele queria fazer com que o Mediterrâneo fosse um mar de propriedade da Itália. Então, o Mediterrâneo faz fronteiras com a Europa e fronteiras com a África, e o Mussolini, então, invadiu a Abissínia, para que a Itália ficasse dona de duas margens do Mar Mediterrâneo, e eu me lembro que eu estava no ginásio, os alunos perguntavam para mim: “Tu é a favor da Itália ou da Abissínia?”, eu dizia: “Não sou contra, nem a favor de nenhum. Agora, eu acho uma barbaridade um país europeu invadir um país de negros simplesmente porque eles são negros!”. E o resultado é que isso foi evoluindo, evoluindo, foi evoluindo, as ideias de direita foram avançando e acabou na Segunda Guerra Mundial que, felizmente, terminou com essas ideias de violência, de prepotência, e de conquista do poder pela força. O fascismo caiu, o nazismo caiu e o mundo hoje desfruta de um ambiente mais saudável.

Sônia: Dr. Renan, na sua juventude, que tendência política o senhor tinha? O senhor participava de movimentos, de partidos políticos?...

Renan: Olha, isso é uma história meio comprida [risos]. Durante a Segunda Guerra Mundial, porque eu terminei o meu curso de Direito um ano depois de acabada a Segunda Guerra Mundial. O que mais impressionava a minha geração, naquela época, era a tremenda resistência, o tremendo heroísmo da Rússia Soviética ao nazismo, que acabou derrotando Hitler às portas de Moscou, porque as tropas nazistas estiveram para entrar em Moscou numa distância como daqui a São Sebastião do Caí. Estiveram perto de Moscou, mas foram rechaçadas. Depois veio a Batalha de Stalingrado, onde os russos derrotaram o General Von Paulus e prenderam seiscentos mil militares alemães. Depois veio a libertação da Ucrânia, depois veio a libertação da Polônia, da Hungria, da Tchecoslováquia, da Áustria, da Iugoslávia e acabou com a queda de Berlim. Então, a minha juventude tinha um entusiasmo tremendo pela Rússia, porque ofereceu uma resistência que foi decisiva, aliás, como diz Winston Churchill nas suas memórias da Segunda Guerra Mundial, “A Inglaterra cooperou com a resistência moral; os Estados Unidos cooperou com a resistência financeira, através da lei de empréstimos e arrendamentos; e a União Soviética cooperou na vitória dos aliados com o sangue”. Então, nós éramos contagiados com um tremendo entusiasmo pela União Soviética e isto me levou, ainda em 1944, a entrar para o Partido Comunista, não que eu conhecesse a ideologia de Marx, a ideologia de Engels, a ideologia de Lênin, mas levado pelo aquele entusiasmo juvenil da resistência contra o Eixo Roma, Berlim, Tóquio. Então, eu entrei para o Partido Comunista e militei nele durante três ou quatro anos. Mas, cedo, eu não pude suportar a ditadura interna do Partido Comunista, era uma coisa simplesmente irrespirável. Aquilo que hoje

chamam de Stalinismo, que seria a ideologia predominante dentro do Partido Comunista, na realidade não era Stalinismo. Procurava-se atribuir ao Stalin uma série de coisas quando, na verdade, o responsável era o Partido Comunista, o Partido Comunista Russo, e todos os Partidos Comunistas do mundo inteiro imitavam e acompanhavam o Partido Comunista Russo. Muito cedo eu me dei conta de que aquilo era insuportável, então eu me afastei, aí por mil novecentos... Eu entrei para o PC, naquele tempo chamavam, ainda hoje chamam, “o partidão”, eu entrei em 1944, tinha vinte anos. Mas aí por 1946, [19]47 eu me afastei. Me afastei e fiquei um longo tempo sem militar em partido político nenhum. Agora, durante esse período surgiram muitas coisas depois da Segunda Guerra Mundial, desencadeou-se no Brasil uma campanha muito forte objetivando duas coisas: primeiro a anistia aos presos políticos e segundo a redemocratização do país, que estava até então, sob o regime do Estado Novo, que era uma ditadura de direita criada por Getúlio Vargas e que durou até 1945. Então, houve duas campanhas muito fortes pela anistia dos presos políticos e pela redemocratização do Brasil. Eu participei dessas campanhas como estudante, em Porto Alegre eu fiz centenas de discursos em praça pública pedindo a libertação dos presos políticos. E essa campanha foi vitoriosa e foi decretada a anistia e os presos políticos foram todos libertados. Depois veio a campanha pela redemocratização do país, que seria a substituição do Estado Novo, que era um regime autoritário, por um regime democrático. Criou-se a Assembleia Nacional Constituinte, fez a Constituição de 1946, foi feita a eleição direta do Presidente da República, que foi o Eurico Dutra, foi feita a eleição de deputados, eleição de senadores, que na época do Getúlio Vargas não tinha porque ele dissolveu o Congresso Nacional. De tudo isso eu participei. Participei com entusiasmo e fico contente em constatar, já naquela época, que essas campanhas foram vitoriosas e desde [19]46, ressalvada a exceção de [19]64 com a revolução militar, nós vivemos num regime democrático.

Sônia: Dr. Renan, o senhor pegou então um período do Partido Comunista que estava na ilegalidade e depois, em [19]47 ele se tornou..., ele pôde atuar como um partido?

Renan: Não. O Partido Comunista, na época que eu entrei, ele era ilegal. Agora, ele foi legalizado a partir de 1945, tanto que o Partido Comunista apresentou um candidato a Presidente da República, que era um engenheiro, o que fez a BR 116 aqui na nossa região, Iedo Fiúza, era o nome dele, elegeu quatorze deputados federais, entre os quais o escritor Jorge Amado, e elegeu um senador, o senhor Luiz Carlos Prestes. Dentro de um regime democrático. Posteriormente no governo Dutra, o Partido Comunista teve o seu registro cassado e também foram cassados os mandatos de todos os parlamentares eleitos, deputados e senadores foram todos cassados. Então, aí deu uma fuga, o Luiz Carlos Prestes fugiu do Brasil, se exilou e tal, foi para a Tchecoslováquia e esteve lá pela União

Soviética, e só voltou mais tarde, agora, quando veio a segunda anistia, essa que foi feita agora com o término do governo da revolução de [19]64, esse governo militar que durou de [19]64 até a última eleição direta que nós tivemos aqui, e para o mal dos pecados foi aquela em que se elegeu o Presidente da República um cidadão muito direito, muito honesto, chamado Fernando Collor de Melo, que anda aí morando em Miami, morando em Paris, e até agora não devolveu o que roubou.

Sônia: Doutor Renan, o Partido Comunista de Caxias do Sul, ele era organizado, tinha inclusive o jornal *A Voz do Povo*?

Renan: Como é que você diz?

Sônia: O Partido Comunista aqui em Caxias, ele era organizado, tinha “A Voz do Povo”, o Jornal “A Voz do Povo”...

Renan: Tinha.

Sônia: O que o senhor lembra desse período, as pessoas que participavam aqui em Caxias?...

Renan: Olha, eu me lembro, claro, à frente disso estava o doutor Percy [Vargas de Abreu e Lima], mas que não era um homem sectário, o Percy era um homem muito generoso. Eu recordo que faziam parte do Partido Comunista daquela época, o Secretário Geral do Comitê Municipal de Caxias, um senhor chamado Andrea Santo Bone, ele faleceu agora, ano passado, como funcionário aposentado da CEEE [Companhia Estadual de Energia Elétrica]; estavam também ligados ao Partido Comunista, Thomaz de Almeida, que era um pedreiro e que também já é falecido, e além dele, deixa eu ver se eu lembro de mais alguém, Thomaz Almeida, Valdomiro Ramos Pacheco e...

Sônia: Ernesto Bernardi, o Bernardi?

Renan: Como era o nome do Bernardi? Ernesto Bernardi e mais um irmão dele, enfim, era um grupo muito pequeno, era um grupo pequeno, tanto que o Partido Comunista naquela época não conseguia eleger nenhum vereador. Era um grupo muito pequeno, ele tinha setecentos, oitocentos votos em todo o município, né? E tinha um jornalzinho chamado “A Voz do Povo”, era um jornalzinho engraçado, porque o Partido Comunista era muito sectário, você escrevia, por exemplo, um artigo, eu escrevi uma vez, um artigo sobre uma vitória do Juventude, de quem eu sou torcedor até hoje, contra o Flamengo. Foi seis a zero. E eu botei o título do meu artigo: “O Juventude amassou o Flamengo”, mas o diretor do jornal era flamenguista, ele tirou a palavra “amassou” e botou “venceu o Flamengo”. Havia uma censura interna, né? Era um jornalzinho de porcaria, não valia um sabugo torrado. [risos].

Susana: O senhor sofreu alguma restrição, alguma censura perante a comunidade, por participar do Partido Comunista?

Renan: Não, não posso dizer que tenha sofrido, porque eu era muito jovem e não davam muita importância para guri naquela época, né? Então, mais tarde, quando ia casar, o então Papa Pio XII fez uma excomunhão por atacado. Excomungou todos os comunistas do mundo inteiro, sem botar o nome de nenhum. Quer dizer, aquilo foi por atacado. E a minha futura sogra, que era muito católica, chegou para mim e perguntou se eu concordaria em casar na igreja, naquele tempo eu já tinha saído do PC, mas eu não sabia, mas eu estava excomungado. Eu disse: “Olha, eu não tenho restrição nenhuma em casar na igreja, quanto mais não seja em consideração a senhora”, “Ah, então tá, eu vou tratar disso”. Então ela foi falar com o..., foi providenciar lá os trâmites legais, aí disse: “Olha, – não vou mencionar o nome dele, era um padre –, o padre fulano de tal está querendo falar com você”, “Está bom!”. Aí fui eu lá falar com o padre, encontrei com ele na rua e disse: “Olha, o senhor é o padre fulano de tal?”, ele me olhou assim dos pés a cabeça como se fosse um sacrilégio eu não saber quem ele era, eu não era obrigado a saber, “É, eu sou.”, eu disse: “Oi, como vai? A minha sogra, futura sogra, disse que o senhor queria falar comigo”, “Ah, é sobre o seu casamento”, “Pois não?”, “Sabe que está difícil”, eu disse: “Olha, padre, eu não vim ao mundo para causar dificuldades ao senhor, nem a ninguém, esqueça o assunto. Eu vou casar no cartório e tchau!”. Quando eu comuniquei isso a minha sogra ela quase teve um chilique, né? Aí foi lá, e tal, e conversaram, até que o padre Jordani me procurou e disse: “Não, eu vou te casar”. Só não me deixaram entrar na igreja, aí ele me casou [risos]. Era uma espécie assim de..., de sectarismo religioso, que não tinha nenhum fundamento, nunca fiz mal a ninguém, nunca maltratei ninguém, nunca ofendi ninguém, por que essa restrição? Quer dizer, se eu tenho determinada ideia e você tem outra, e chega a falar comigo para discutir um determinado assunto, para fazer qualquer coisa de comum acordo, o que eu devo fazer?, é recebê-la de braços abertos. Digo, ótimo, duas pessoas de ideias divergentes se reúnem para tratar de um assunto comum. Mas naquele tempo a coisa era feia, era feia.

Sônia: Dr. Percy [Renan], o senhor se lembra...

Renan: Está me chamando de Percy! [risos]

Sônia: Desculpe, é que vocês eram muito amigos. Dr. Renan, de fatos marcantes, algum comício marcante, de algum líder político que marcou a cidade, ou pitoresco?

Renan: Você se refere à cidade?

Sônia: A cidade, é.

Renan: Bom, eu conheci muita gente em Caxias do Sul que deixou o seu nome marcado na história da cidade. Eu destaco entre eles o ex-prefeito de Caxias, Dante Marcucci, que embora eu fosse garoto naquela época, ele modernizou a cidade de Caxias, foi um prefeito de muito dinamismo, um excelente prefeito. Destaco, ainda, como prefeito da cidade de Caxias, aí já numa época em que eu era vereador, o Coronel Euclides Triches, que fez uma boa administração, embora uma administração curta porque depois ele foi nomeado Secretário de Obras Públicas do governo Ildo Meneghetti. Outro bom prefeito que teve Caxias foi o senhor Rubem Bento Alves, era um homem muito franco, de ideias muito positivas. Destaco ainda o senhor Armando Biazus, que faleceu recentemente, era um homem de mentalidade muito aberta, muito devotado, muito amoroso com a sua cidade. E o seu Victório Trez, sobretudo no segundo mandato, e agora que apareceu ainda está aqui, o Mansueto Serafini, que teve uma excelente administração na cidade. Na Câmara de Vereadores, eu podia destacar muita gente. Um deles, o senhor Humberto Bassanesi, já falecido, que era vereador pelo PRP [Partido de Representação Popular], um partido que era um remanescente da Ação Integralista Brasileira. Ele era um vereador de direita e sempre tive com ele os melhores entendimentos e as melhores relações. Era um homem muito inteligente... Certa ocasião ele estava na minha casa, aqui em Caxias tinha uma coisa curiosa, tinha um partido chamado PSP – Partido Social Progressista, que era de propriedade do Ademar de Barros. E o Partido Social Progressista, até se contava que a convenção dele, todos os militantes cabiam dentro de um Volkswagen, num fusca. O presidente era o doutor Atilio Rapone, um advogado daqui. Mas ele não tinha militantes pra apresentar como candidatos, então ele oferecia a legenda para amigos, ofereceu pra mim e tal, e eu me candidatava pelo PSP, embora não fosse membro do PSP. E fui eleito duas vezes primeiro suplente, e o vereador titular, que era o Reverendo Geraldo Stédile, da Igreja Metodista, frequentemente saía e eu então ocupava, durante o governo Triches, durante longos meses, a cadeira dele. E um belo dia, eu estava em casa, era um domingo, chega na minha casa uma comissão chefiada pelo Mocelin, pelo Armando Biazus, pelo Guerino Zugno, e disseram que na convenção do PTB [Partido Trabalhista Brasileiro], que hoje é PDT [Partido Democrático Trabalhista], sem me consultarem, e sem eu ter pedido, tinham resolvido me botar na chapa de candidato a vereador, eu disse: “Bom, eu [risos] eu só tenho uma forma de retribuir isso, eu peço a minha inscrição como membro do PTB.” Aí eu entrei no PTB, e fiquei nele até a Revolução de [19]64, fui eleito vereador pelo PTB, fui presidente da Câmara naquela época também, como tinha sido eleito antes, em [19]58, e depois de [19]64 eu não entrei mais em partido nenhum. Hoje eu sou um homem sem partido.

Sônia: Dr. Renan, e como é que foi a Revolução de [19]64 em Caxias?

Renan: Bom, em Caxias...

Sônia: Como ela repercutiu aqui?

Renan: Eu vou começar dizendo que a Revolução de [19]64 no Brasil foi um lixo! Em Caxias do Sul ela não, não teve assim, vamos dizer, maior repressão. Prenderam muita gente aqui, prenderam muita gente e, mas não resultou em tortura, não resultou em maus-tratos. Eu recordo um episódio que me deixou muito preocupado, não sei lembram do doutor Darwin Gazzana?, era um médico daqui de Caxias, que era o médico dos meus filhos, e ele era o chefe do antigo SAMDU, era Serviço Autônomo de Medicina de Urgência. E ele me encontrou um dia na rua e disse: “Renan, o meu cargo é um cargo de confiança, agora o SAMDU tá sob intervenção federal da, da Revolução. Tu acha que eu devo ir lá colocar meu cargo à disposição?”, disse: “Acho. O teu cargo é um cargo de confiança, então você deve fazer uma carta pedindo, colocando o cargo à disposição para que o interventor nomeie outro ou então confirme você”, “Tá, então vou lá na tua casa.” Foi na minha casa, eu sentei ali, bati na minha máquina a carta, ele assinou, nós ficamos conversando, de repente, eu olho pela janela, vinham descendo, na rua onde eu moro, dois soldados com fuzil e metralhadora com um policial no meio, e eu deduzi: “Vieram me buscar”. O Darwin Gazzana se preocupava com duas coisas, com crianças, como médico pediatra que ele era, e com pintura; nunca se meteu com política, coisa nenhuma. E, quando eu vi, eles se dirigiram para o portão da minha casa, entraram no jardim, eu já fui com as mãos prontas para botarem as algemas, aí disseram: “O Dr. Gazzana está aí?”, eu disse: “Sim, está”. Aí chamei o Gazzana. O Gazzana veio, o policial esse botou a mão no ombro dele e falou, ele ficou branco, e prenderam o Gazzana, e levaram o Gazzana preso. Aí eu comecei a lutar para libertá-lo, o levaram para Porto Alegre, consegui oito dias depois que libertassem o Dr. Gazzana. Ele ficou com tamanho nojo daquilo que foi uma intriga de médicos que praticamente abandonou a medicina, praticamente abandonou a medicina. Aí foi trabalhar como desenhista, desenhista de projetos da Metalúrgica Eberle, ele não quis mais saber da medicina e, infelizmente, o coitadinho faleceu. Mas era uma rica de uma criatura humana, não tinha nada que ver com política. Esse foi uma das vítimas da Revolução de [19]64. No que dizia respeito a mim, me chamavam de vez em quando no quartel para explicar que livros eu tinha em casa; eu dizia “Bom, capitão, eu lhe levo lá em casa, o senhor vai ver minha biblioteca. Eu tenho mais de cinco mil volumes, não vou poder dizer aqui o que eu tenho”, “Ah, não, não precisa e tal”. Ficou nisso, no mais eu tinha que andar com o bico calado [risos], porque não era fácil.

Sônia: O senhor teve conhecimento de outros casos que aconteceram assim como o Dr. Gazzana?

Renan: Outros casos com ele?

Sônia: Como o dele.

Renan: Olhe...

Sônia: Por exemplo, o doutor Ordovás, e...

Renan: Não, não... O que eu posso dizer, por exemplo, com o Percy. O Percy quando foi preso, ele tinha um problema pulmonar, e foi levado pro DOPS [Departamento de Proteção Social], e lá ele comunicou que tinha esse problema, e até foram generosos com ele. No lugar de mantê-lo preso, mandaram-no para o Sanatório Belém, em Porto Alegre, que é um hospital de tuberculosos, onde ele ficou preso sob palavra e pouco depois soltaram, pouco depois soltaram. Além disso, o Bruno Segalla, o Darwin Corsetti, que até hoje não sei porque prenderam o Darwin Corsetti [risos]. E outras pessoas, mas, não deu nada de maior. Aqui em Caxias a revolução não..., não foi tão violenta como em outros estados, viu? Acho mesmo porque nós somos mais pacíficos, né?

Sônia: E na época, voltando, doutor Renan, na época do Getúlio, teve algum problema de repressão, ou de perseguição por falarem italiano em Caxias, o senhor tem algum conhecimento?

Renan: Olha, na época do Getúlio, propriamente, não por causa do Getúlio, mas por causa da guerra, houve um recrudescimento muito violento de nacionalismo nessa região, como em Novo Hamburgo, na Região Colonial Italiana e na Região Colonial Alemã. Então, passou-se a exigir que nas repartições públicas só se falasse português. Eu me lembro naquela época era mais ou menos assim: “Somos brasileiros, falem a nossa língua.” Como se um colono aí do travessão não sei o quê, chegava lá, *Vu tu vin?*, pergunta se quer vinho, fosse obrigado a dizer: “O senhor quer vinho?”. Eles estão acostumados a falar aquela língua. Foi um exagero! Mas não houve, vamos dizer assim, nenhuma violência. Havia restrições, que eu considero restrições injustas, mas explicáveis pela ambiência que uma guerra provoca, né? Na verdade, os nazistas torpedearam cinco navios brasileiros, mercantes, afundaram e mataram um monte de gente. Isto provocou um ódio muito grande, né, e esse ódio, então, foi se alastrando, os italianos não tinham nada que ver com isso, nunca conheci ... Aqui em Caxias tinha uma, antigamente, a Casa *Del Fascio*, era uma organização fascista, mas que era uma espécie de clube, clube de reuniões festivas, patrióticas e tal, e que acabou se esvaziando por falta de ambiência, não chegou a causar nenhum problema. Me lembro que o presidente era um arquiteto daqui, um construtor, Silvio Toigo, esse que faleceu há muitos anos. E eu me lembro que naquela época o Mussolini tinha uma organização infantil chamada “Os Balilas”, eram os meninos que se vestiam com camisa negra, com uniforme fascista, e aqui em Caxias eu conheci vários Balilas, filhos de italianos e tal, mas que depois esqueceram, esqueceram, não causou maior problema, não.

Sônia: Dr. Renan, o senhor está livre para falar o que o senhor quiser.

Renan: Ah, olha, eu gostaria..., eu sou um conversador tremendo, e gostaria muito de falar de uma porção de coisas, mas eu sei que essas coisas todas que vocês programam são feitas em termos de tempo e em termos de espaço, portanto eu não tenho o direito de abusar. Eu só posso dizer a você o seguinte, que há duas vocações, aliás, três vocações que eu tenho na minha vida: a primeira, preponderante, que é a vocação de advogado, eu já estou com idade e com tempo de serviço suficiente para me aposentar, não me aposento porque eu adoro trabalhar. Você é testemunha, chega lá no banco, eu estou lá envolvido com uma porção de coisa. A segunda vocação que eu tive foi a de professor. Ali está o Mansueto Serafini me olhando, fui professor dele, e lecionei na Universidade de Caxias do Sul, na Faculdade de Direito, durante trinta e dois anos. Aí está na hora de parar, né? Dar lugar para os mais moços. E a terceira vocação é a de escrever, eu gosto muito de escrever e escrevo constantemente. Agora estou meio..., vamos dizer assim, frustrado, porque tiraram o jornal onde eu escrevia, que era a Folha de Hoje, fechou, então, eu escrevo e boto na gaveta, e fica por isso. Mas no mais eu quero dizer a você, Sônia, e a você...

Susana: Susana.

Renan: Susana, que eu fico muito honrado por essa minha entrevista aqui, que vocês parecem que atribuem a mim uma importância que eu não tenho, isso vai para o museu, eu fico muito contente. E tudo o que eu fiz por Caxias como vereador, eu fui até prefeito aqui, por quarenta e cinco dias, mas fui, substituindo o senhor Rubem Bento Alves. E tudo que eu fiz pela minha terra, foi por amor a minha terra, tanto que nunca utilizei, nunca utilizei da minha carreira, da minha curta carreira política, no sentido de levá-la adiante, chegou um momento em que eu a interrompi para, não me interessava fazer carreira política, e voltei a minha vocação natural e estou muito feliz com ela, e fico muito agradecido a vocês.

Sônia: A visão, o conhecimento que a gente tem do senhor e do doutor Percy, é que sempre foram pessoas que lutaram por um ser humano livre, pela integridade do ser humano, nada de ditadura, nada de opressão, nada de perseguição e até de exploração. E eu gostaria que o senhor deixasse uma mensagem, doutor Renan, dessa confiança que o senhor tem nesses ideais, que parece que a gente...

Renan: Olhe, Sônia, esse é um ideário que a gente traz a partir da sua formação cultural. Muita gente pensou que eu trabalhasse com o Percy, não, o Percy tinha o escritório dele, eu tinha o meu. O que acontecia era o seguinte, que esses processos criminais, que em geral sempre envolviam pessoas pobres, é muito difícil ver um rico no júri, não é verdade? Seja por educação, seja por que a sua convivência diária não o leva à violência... Mas, então, houve uma larga etapa na vida judiciária de Caxias em que todos os júris de gente pobre aqui, ou eram feitos pelo Percy, ou eram feitos por mim. Depois que o Percy adoeceu, passaram a ser feitos só por mim. Eu fiz mais de duzentos júris

aqui em Caxias e arredores, noventa por cento dos quais gratuitamente. As pessoas não podiam pagar mesmo e era meu dever, que estudei numa universidade pública, paga pelo povo, devolver a este povo aquilo que eu aprendi. Então, a prepotência, a opressão, a compressão à liberdade individual, a restrição à liberdade de pensamento, a discriminação racial, são coisas que me causam uma repugnância total. Não tem nada que me cause mais nojo do que ver uma pessoa discriminar outra porque é negra, ou porque é judaica, ou porque é alemã, ou porque é italiana, ou porque é portuguesa ou coisa que o valha, nós todos somos exatamente iguais, iguais, e como tal, temos o direito de ter todo o respeito de todo o mundo, sejamos ricos, sejamos pobres, tenhamos a origem que tivermos, e sempre que isso acontece, se precisarem de mim, eu estou ali, e protesto com toda a veemência de que sou capaz, e luto por isso. E acho que esse é um ideário, não sei se ele é cristão ou não, mas é um ideário humanista muito bonito e pretendo morrer fiel a ele. É isso.

Sônia: É isso. Muito obrigada.

Susana: Obrigada.

Sônia: Foi muito bonito.

Transcrição em: 13 a 17 de maio de 2004.

Por: Verônica Feldkircher.

Revisão em: 16 de dezembro de 2011, 13 de janeiro de 2025 e 11 de março de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 47 minutos.

Observação: